

Professor aprende a multiplicar salário

Na fila para pedir as contas, a professora de matemática Ivanilda Araújo de Carvalho, 44 anos, vai esperar até aprender uma nova fórmula de multiplicar o que ganha nas duas matrículas da rede estadual. Com um salário mensal de R\$ 634, marido e três filhos, há um ano ela aderiu à *lei do bico* para complementar o orçamento: às terças, quintas e sábados, Ivanilda vira depiladora. No novo ofício, a professora lucra em casa cerca de R\$ 250 todo mês. "A gente ganha pouco, mas tem a esperança de melhorar um dia. Só depois a gente pensa: meu Deus, o que eu fiz da minha vida", disse Ivanilda ontem, enquanto dava aula para 63 alunos na Escola Estadual Operário João Vicente, em Parada Angélica, Duque de Caxias.

Com 25 anos de magistério, Ivanilda – que dá aula segundas, quartas e sextas, das 7h30 às 18h20 – quer se assegurar em outra atividade profissional que garanta seu futuro antes de se aposentar. "Estou pensando em buscar alguma coisa na área médica, como fisioterapia", contou a professora de 5ª à 8ª série.

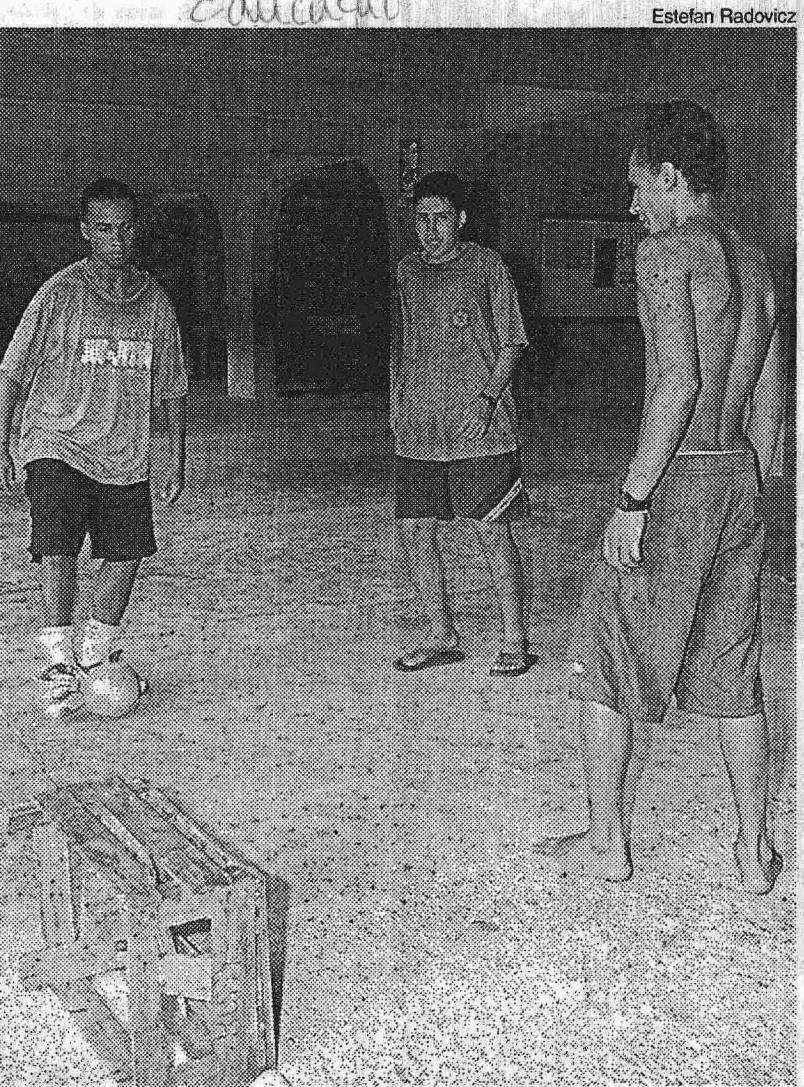
Ivanilda é a prova de que o governo do estado está merecendo nota zero em matéria de educação. Esta é a avaliação dos cerca de 100 mil profissionais da rede estadual de educação, que há três semanas

aguardam em greve um reajuste nos contracheques. Cansados de promessas, professores e funcionários se reúnem hoje, às 11h, para discutir o destino da paralisação em assembleia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Logo depois, a partir das 15h30, eles farão protesto em frente à Assembleia Legislativa.

Greve – Segundo a coordenadora geral do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe), Adriana Freitas, a greve deve prosseguir até que o governador atenda as reivindicações da categoria.

Na semana passada, a imprensa chegou a divulgar um estudo do estado que poderia resultar em aumento de até 70%: o reajuste seria dado em abono de R\$ 164,08 e somente para os profissionais da ativa. Mas nada foi oficializado ainda. "Estivemos reunidos com a secretaria de Educação do Estado e ela nos disse que as propostas divulgadas até agora não são oficiais", revelou Adriana Freitas. Atualmente, o salário inicial de um professor é R\$ 215 (R\$ 100 de piso mais R\$ 115 de abono). Com a nova gratificação, passaria a R\$ 400.

A proposta estudada por Marcelo Alencar foi enviada semana passada pela secretaria de Fazenda do Estado. Mas, segundo a Assessoria



No Ciep Ayrton Senna, alunos aproveitam a greve para jogar bola

Estefan Radovitz

de Comunicação do governo, Marcelo ainda não decidiu quando vai se pronunciar sobre o assunto. Enquanto isso, os professores e funcionários continuam de braços cruzados. "Não vamos aceitar. Queremos cinco salários de piso para os professores e três e meio para os funcionários. E o aumento não pode ser só para quem está na ativa", afirmou Adriana Freitas.

Para a diretoria do Sepe, a posição do governador – que, segundo a entidade, prometeu aumentar o piso salarial de R\$ 100 para R\$ 600 a partir de janeiro deste ano – só contribui para a decadência do ensino no estado. O Sepe lembrou que em dezembro o governador usou o reajuste dos professores como desculpa para o aumento do ICMS diversos produtos.

De acordo com estatísticas do sindicato, por causa dos baixos salários, de setembro de 1994 até agosto do ano passado mais de 10 mil professores largaram as salas de aula. O quadro é tão negro que, só em 1997, 3,5 mil professores aproveitaram o Plano de Exoneração Incentivada para deixar de dar aula.

Sem chance – No meio deste *imbroglio pedagógico* saem prejudicados alunos e professores. Os 950 alunos do Ciep Ayrton Senna, em São Conrado, vêm sentindo os efeitos dessa crise. Desde o ano

passado, os estudantes do 2º grau estão sem professores de matemática, física e química. De janeiro até março, cinco outros já pediram exoneração. "A gente acaba aprendendo menos e ficando sem chance de passar no vestibular", reclamou Dênis de Oliveira Nascimento, 21 anos, aluno do 3º ano do 2º grau, que sonha fazer vestibular para história. Como a maioria dos alunos do Ciep, Dênis está aproveitando a greve para jogar vôlei, basquete e futebol no pátio do colégio.

Em Imbariê, distrito de Duque de Caxias (Baixada Fluminense), a situação não é muito diferente. A falta de professores e pessoal de apoio – merendeiras, serventes e jardineiros – levou a diretoria do Ciep Maria da Glória Correa Lemos a fechar com cadeado o segundo andar do prédio. "As salas estão vazias e só ficavam juntando poeira", disse a diretora Jeane da Silva Barreto, que de manhã ajuda a única merendeira do colégio a fazer o café para os 240 alunos.

Funcionando desde 1994, o Ciep já teve 600 alunos e 27 professores em seus dias de glória. Atualmente, tem apenas sete. "Pelo menos não temos turmas em casa. Não iludo a comunidade e só faço a matrícula dos alunos que podemos ensinar", garantiu Jeane.